

CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama
(Organizadores)



CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Edwaldo Costa

Suélen Keiko Hara Takahama

(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Ciências humanas: política de diálogo y colaboración

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: política de diálogo y colaboración / Organizadores Edwaldo Costa, Suélen Keiko Hara Takahama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0047-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.479223103>

1. Ciências humanas. I. Costa, Edwaldo (Organizador).
II. Takahama, Suélen Keiko Hara (Organizadora). III. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Este e-book hace una mirada a las Ciencias humanas, más específicamente a la política de diálogo y colaboración. El libro electrónico explora cuestiones epistemológicas y metodológicas sobre la investigación en Ciencias humanas a partir de las propuestas de convergencia y superposición de temas y metodologías que se advierten cada vez más en la literatura actual, tanto por parte de investigadores en el campo de la Educación como de las ciencias sociales y humanas.

El trabajo consta de 20 artículos que tienen como objetivo comprender los contornos que las Ciencias Humanas y sus componentes establecen entre sí y con otros tejidos sociales. Es, por tanto, una necesaria actitud crítica frente al campo en toda su complejidad, para apuntar a sus reconfiguraciones, discusiones y los sentidos que los hechos educativos y otros producen en la contemporaneidad.

Los autores abordan aproximaciones psicológicas en la constitución del odio; estudio de las maquiladoras y el sindicalismo en el norte de México; adolescente y jóvenes potencializando las competencias socioafectivas; concepciones diferentes en el alcance de una competencia en normalistas y docentes formadores de docentes; periodismo, cine y radio del primer tercio del siglo xx; pensamiento crítico; componentes y elementos para recrear un programa de educación pertinente; proceso formativo en tiempos de contingencia; seguimiento a egresados de la escuela normal experimental huajuapán, generación 2012-2016; historia local por medio de la oralidad; integración didáctica de “apps” relacionadas con la producción animal; servicio de calidad para funcionario públicos con discapacidad; interacciones, una estrategia alternativa; inclusión de género; factores psicosociales que determinan el desarrollo positivo, inclusión social a partir de la práctica docente, y sala de recursos multifuncionales.

Desde el punto de vista del campo de investigación, los temas abordan una configuración transdisciplinaria.

Uno de los objetivos de este eBook es seguir proponiendo análisis y reflexiones desde diferentes puntos de vista: científico, educativo, social. Como toda obra colectiva, ésta también necesita ser leída teniendo en cuenta la diversidad y riqueza específica de cada investigador.

Finalmente, se espera que con la diversa composición de autores, temas, asuntos, problemas, puntos de vista, miradas y miradas, este libro electrónico ofrezca un aporte plural y significativo.

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

APROXIMACIONES PSICOLÓGICAS EN LA CONSTITUCIÓN DEL ODIO

Carlos Andrés Méndez-Castro


Angela Ivethe Mayorga Ortegón

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231031>

CAPÍTULO 2..... 13

APUNTES METODOLÓGICOS PARA EL ESTUDIO DE LAS MAQUILADORAS Y EL SINDICALISMO EN EL NORTE DE MÉXICO

Cirila Quintero Ramírez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231032>

CAPÍTULO 3..... 28


ADOLESCENTE Y JÓVENES POTENCIALIZANDO LAS COMPETENCIAS SOCIOAFECTIVAS Y LABORALES EN EL EMPRENDIMIENTO JUVENIL PARA LA PREVENCIÓN DE PROBLEMÁTICAS JUVENILES EN BUSCA DEL BIENESTAR PSICOLÓGICO, SOCIAL Y SUBJETIVO. IBAGUÉ- TOLIMA

Victoria Eugenia Hernández Cruz

Diana Carolina Dussan Rada

Astrid Carolina Ospina Marín

Luisa Fernanda Lozano Rodríguez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231033>


CAPÍTULO 4..... 40

AMBIENTE TECNOLÓGICO, USOS ACADÉMICOS DE INTERNET Y APRECIACIÓN POR PARTE DE LOS ESTUDIANTES DE LA LICENCIATURA DE EDUCACIÓN PRIMARIA DEL CREN “MARCELO RUBIO RUIZ” EN LORETO, B.C.S

Bertha Elizabeth Amador Perea

Malibé Aguiar Pérpuli


Zita Luz Gandarilla Romero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231034>

CAPÍTULO 5..... 53

¿CONTRADICCIONES O COINCIDENCIAS EN EL DESARROLLO DE LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA? CONCEPCIONES DIFERENTES EN EL ALCANCE DE UNA COMPETENCIA EN NORMALISTAS Y DOCENTES FORMADORES DE DOCENTES. ESTUDIO DE CASO

María del Pilar Romero Arenas







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231035>

CAPÍTULO 6..... 61

CARLOS NORIEGA HOPE EL ILUSTRADO DEL PERIODISMO, CINE Y RADIO DEL PRIMER TERCIO DEL SIGLO XX


Virginia Medina Ávila

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231036>

CAPÍTULO 7.....	69
LOS FORMADORES DE DOCENTES Y SUS REPRESENTACIONES SOCIALES SOBRE EL PENSAMIENTO CRÍTICO	
Araceli García González	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231037	
CAPÍTULO 8.....	81
COMPONENTES Y ELEMENTOS PARA RE-CREAR UN PROGRAMA DE EDUCACIÓN PERTINENTE Y TRANSFORMADOR EN EL CONTEXTO RURAL DESDE EL APOORTE PEDAGÓGICO POLICIAL	
Lucy Alcira Montoya Párraga	
Carmen Elisa Anzola Bello	
Nelly Martínez Rozo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231038	
CAPÍTULO 9.....	92
NORMALISTAS NOVELES A LA PRÁCTICA. EL PROCESO FORMATIVO EN TIEMPOS DE CONTINGENCIA	
Juan Carlos Rangel Romero	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4792231039	
CAPÍTULO 10.....	111
SEGUIMIENTO A EGRESADOS DE LA ESCUELA NORMAL EXPERIMENTAL HUAJUAPAN, GENERACIÓN 2012-2016, SOBRE SU DESEMPEÑO PROFESIONAL	
Oscar Andrade Espinosa	
Nancy Cruz Montes	
Yasem Iván Altamirano Albañil	
Aurelio Alonso Espinosa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310310	
CAPÍTULO 11.....	126
HISTÓRIA LOCAL POR MEIO DA ORALIDADE, BAIRRO PABLO NERUDA, MUNICÍPIO DE SIBATE - CUNDINAMARCA - COLOMBIA, ENTREVISTAS A PIONEIROS REUNIÃO GERACIONAL	
Jorge Leonardo Tápias Ordoñez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310311	
CAPÍTULO 12.....	142
UN EJEMPLO DE INTEGRACIÓN DIDÁCTICA DE “APPS” RELACIONADAS CON LA PRODUCCIÓN ANIMAL EN LA DOCENCIA UNIVERSITARIA	
Maria De La Luz Garcia Pardo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310312	
CAPÍTULO 13.....	147
PROGRAMA DE TREINAMENTO ATENDIMENTO DE QUALIDADE PARA PESSOAS	

COM DEFICIÊNCIA, FOCO EM FUNCIONÁRIOS DO ESTADO


Francisco Cortés González,

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310313>

CAPÍTULO 14..... 158

INTERACCIONES, UNA ESTRATEGIA ALTERNATIVA

Luz Stella Rugeles Pineda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310314>

CAPÍTULO 15..... 169


CARACTERÍSTICAS DE LA IDENTIDAD PERSONAL DEL DOCENTE INCLUSIVO CON RELACIÓN AL GÉNERO

Luna García Mirna del Rosario

Sánchez Tallabas Norma Edith

Valadez Mena María Elena

Valadez Mena Verónica

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310315>

CAPÍTULO 16..... 177

GEOGRAFÍA DEL DESENCUENTRO EN ALTO BIOBÍO: FRONTERAS ENTRE LA TERRITORIALIDAD ANCESTRAL Y LA MODERNA

Claudio Andrés Contreras Véliz


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310316>

CAPÍTULO 17..... 188

IDENTIFICACIÓN DE FACTORES PSICOSOCIALES RELEVANTES QUE DETERMINAN EL DESARROLLO POSITIVO DE LAS HABILIDADES SOCIALES EN LOS ESTUDIANTES DEL GRADO NOVENO DE LAS I.E. (DOS) DE FLORENCIA – CAQUETÁ – ZONA URBANA

José Javier Achicanoy Miranda

Martha Janeth González

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310317>


CAPÍTULO 18..... 196

EXPERIENCIAS DE EQUIDAD E INCLUSIÓN SOCIAL A PARTIR DE LA PRÁCTICA DOCENTE EN LA ESCUELA NORMAL

Jacqueline Conzuelo Nava

Miriam Honorato Bastida

Jorge Garduño Durán


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310318>


CAPÍTULO 19..... 209

APROXIMACIÓN AL MODO DE SENTIR EL PERFIL DE EGRESO EN PROFESORES NOVELES

Dulce del Rosario Quijano Magaña

Suemy Ileana Burgos Coronado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310319>

CAPÍTULO 20.....	220
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS	
Suélen Keiko Hara Takahama Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47922310320	
SOBRE OS ORGANIZADORES	226
ÍNDICE REMISSIVO.....	227

CAPÍTULO 1

APROXIMACIONES PSICOLÓGICAS EN LA CONSTITUCIÓN DEL ODO

Data de aceite: 01/02/2022

Carlos Andrés Méndez-Castro

Psicólogo. Especialista en Psicología Clínica. Director del GEPSI, Grupo Gestor de Estudio en Psicoanálisis Ibagué. Docente de la Universidad Nacional Abierta y a Distancia UNAD - Colombia, CEAD Ibagué. Vinculado al Grupo Desarrollo Sociocultural Afecto y Cognición y docente del Semillero de Investigación Discapacidad Afecto y Cognición orcid.org/0000-0003-3279-7475

Angela Iveth Mayorga Ortegón

Psicóloga. Especialista en Pedagogía Para el Desarrollo del Aprendizaje Autónomo y Magíster en Psicopedagogía. Docente de la Universidad Nacional Abierta y a Distancia UNAD - Colombia, CEAD Ibagué. Vinculada al Grupo Desarrollo Sociocultural Afecto y Cognición y docente del Semillero de Investigación Discapacidad Afecto y Cognición <https://orcid.org/0000-0003-1470-1847>

RESUMEN : Esta propuesta de investigación se centra en el estudio cualitativo sobre la constitución del odio en el ser humano a través de dos grupos focales, teniendo como premisa el análisis del discurso que se tiene acerca de la concepción de este. Para el desarrollo del proyecto se generó una alianza estratégica con la Corporación Germinemos de la ciudad de Ibagué, que tiene una trayectoria de trabajo en el área social, comunitaria y en el manejo de diversas temáticas que están inmersas en la psicología. Se realizó una revisión de información relevante

frente al tema del odio y sus consecuencias. Se privilegió los fragmentos de discurso en relación al significativo odio, logrando acercamientos psíquicos en su comprensión, entre ellos, el estado de alienación, el íntimo como lo más destructivo, la ambivalencia afectiva y el sentimiento de culpa como hallazgo fundamental en torno a los elementos intrínsecos del odio en la subjetividad como fenómeno social.

PALABRAS CLAVE: Odio, Complejo de Edipo, Inconsciente, Alienación.

PSYCHOLOGICAL APPROACHES IN THE CONSTITUTION OF HATRED

ABSTRACT: This research proposal focuses on the qualitative study on the constitution of hatred in the human being through two focus groups, based on the analysis of the discourse that is about the conception of this. For the development of the project, a strategic alliance was generated with the Germinemos Corporation of the city of Ibagué, which has a history of work in the social, community area and in the management of various topics that are immersed in psychology. A review of information relevant to the topic of hatred and its consequences was carried out. The fragments of speech were privileged in relation to the significant hatred, achieving psychic approaches in their understanding, among them, the state of alienation, the intimate as the most destructive, the ambivalence affective ambivalence and guilt as a fundamental finding around the intrinsic elements of hatred in subjectivity as a social phenomenon.

KEYWORDS: Hate, Oedipus Complex, Unconscious, Alienation.

EL OUDIO: UNA PASIÓN HUMANA

...Ya de sobra somos una civilización del odio

Lacan, 1981

El odio constituye una entrañable honestidad en las dinámicas de relación que establece el ser humano. Sus descargas excesivas dan cuenta de ello en su máxima expresión, como: el maltrato intrafamiliar, el crimen pasional, el feminicidio, el acoso escolar, el abuso sexual y, en general, este tipo de actos que desconcierta y rechaza la sociedad en la que no se logran entender sus causas, suscitando un interrogante a descifrar. Sin embargo, la premisa de aquello que se *excede*, devela la fuerza que sobrepasa el autocontrol y a su vez expone elementos que subyacen en la consciencia, comandando al sujeto en pasajes al acto que destruyen al semejante.

Desde esta perspectiva, la tesis que se propone abordar es el odio como elemento estructural, resaltando que las personas no son verdaderamente libres, sino que existe algo que se impone en su interior, que empuja al conflicto en las relaciones interpersonales ubicando al odio en las pasiones del ser. Al respecto, Laurent (2004) señala en referencia a Lacan: “Al establecer la oposición entre pasiones del alma y pasiones del ser por el hecho de que las pasiones del ser son pasiones en relación con el Otro. El amor, el odio y la indiferencia tienen que ver con la relación del Otro, no son pasiones del sujeto en relación con su propia alma” (p.9). Este panorama expone la dificultad de demostrar la existencia objetiva de estas, ello no implica que no se puedan verificar. Si bien “las pasiones no se ven, no se sabe dónde están localizadas, pero las consecuencias cuando se ponen en acto sí son bastantes visibles” (Gallo, 2016, p. 7).

Las consecuencias dan cuenta del lado destructivo del odio y muestran su fuerza imperante, enmarcando un riesgo en los vínculos con el semejante y en la que se inscribe su expresión contra el otro hasta su borramiento. Transpolar el odio a los escenarios de la vida familiar, de pareja, en la relación de pares, manifiesta la necesidad que oriente su comprensión. Para tal fin, se puede desplegar su abordaje “en los repliegues del corazón humano para analizar las pasiones que ocupan un lugar destacado en el estudio de la alienación” (Esquirol, 2013, p. 229).

El estatuto de alienación del ser por el odio remite a estar *poseído*, fuera de *sí mismo*. Postulado que sobrepasa el ideal moderno al concebir al hombre como un ser capaz de actuar de manera racional, pero el odio lo convierte en esclavo de su propia pasión. A esto asienta el *sin-sentido* de los actos en contravía de los lazos sociales, la armonía y del bienestar. En este marco es inevitable discutir la tesis cartesiana del racionalismo occidental en el discurso del método “pienso luego existo” respecto a la existencia del ser solo en la “res cogitans” (mental).

ESTADO DE ALIENACIÓN

En relación a lo anterior, evoca que el ser humano también *es* o existe donde no piensa, es un saber que tiene pero que ignora y, a su vez, lo hace entrar en contradicción consigo mismo (sin-sentido). Ese saber ignorado no se puede educar porque no hace parte de lo que se debería ser, sino de lo que no se quiere saber. Es el lado *inconsciente*, es lo alienante, advirtiendo otra concepción del ser humano, no de unidad, sino de un sujeto dividido. Por tanto, este elemento es la brújula en el desciframiento de la constitución del odio.

En esta perspectiva, “el hombre está fundamentalmente dividido por el semejante, de modo que se siente agredido con respecto al otro y con respecto a sí mismo” (Miller, 2015, p.38), es una relación especular de rivalidad que vincula al sujeto con la cultura, permite pensar que el “individuo es virtualmente un enemigo de la cultura” (Freud 1927–1931). A pesar de tener “tan escasas posibilidades de existir aislados, los seres humanos sientan como gravosa opresión los sacrificios a que los insta la cultura a fin de permitir una convivencia” (p.6) advirtiendo el riesgo de que cada persona comporta para la sociedad.

La intención declarada de riesgo del individuo para la sociedad se atribuye al “verdadero mecanismo común del yo, que el yo es un principio de desconocimiento paranoico, un menos de conocimiento” (Laurent, 1991, p.38). De modo que el hombre se defiende bajo reacciones agresivas, como: el insulto, la hostilidad, el comentario mordaz, el chiste descarnado y la burla, que son el influjo de la rivalidad imaginaria. Esos *desconocimientos* son manifestaciones del odio.

En este sentido, las manifestaciones agresivas tienen la modalidad en el vínculo social, sus resortes psíquicos están en relación con el otro. Es así que “la imagen de sí mismo emerge alienada en la imagen del otro: “yo soy el otro” (López, 1998, p.49). La alienación sería la institución del *otro*, lo que pone en evidencia que el otro cumple una condición de intruso, esto quiere decir que el *yo* es un intruso y se testimonia en las experiencias de los vínculos del lazo social, ilustrando los elementos que configuran el odio en el sujeto sin tener conocimiento de la causa, desconcertando a la sociedad y a todos aquellos agentes que concierne el interés por el ser humano.

El maltrato intrafamiliar, el abuso sexual, el feminicidio, entre otros, son problemas de salud pública que develan la alteración del orden social y estos no corresponden a los procesos neurobiológicos, fisicoquímicos y demás neurociencias como se quisiera justificar en el ideal de la contemporaneidad de la ciencia. De igual manera, no es un asunto de pobreza, aunque ciertos contextos exacerbaban la problemática. Prueba de ello es que en estratos altos y países con mejores estándares de calidad de vida también se presentan dichas modalidades de agresividad y maltrato.

La representación del dato estadístico sustenta las dinámicas alusivas al conflicto entre los seres humanos en el lazo social. En el contexto colombiano, de acuerdo al informe

de 2018 del Instituto de Medicina Legal y Ciencias Forenses INMLCF, sobre el abuso sexual infantil “el 2017 cerró con un balance de 20.663 casos –57 cada día–, y en el 2016 hubo 18.416 –50 diarios–. El comparativo, entre 2016 y 2018 evidencia un aumento de la violencia sexual infantil del 16,8 por ciento”. El panorama presentado reviste el lado oscuro del ser humano, en tanto oscuro implica incógnita, hace pregunta, genera vacío. Por otro lado, el dato resalta el hecho y la descripción, pero no logra dar respuesta a la causa intrínseca respecto a lo destructivo hacia el íntimo.

CONSIDERACIONES DE MÉTODO FRENTE AL PROCESO CONSTITUTIVO DEL ODO

En esta aproximación por el odio, que oriente en ese saber – hacer (con el odio), es necesario recurrir a lo particular en el ser humano: el lenguaje, puesto que este se forma en relación a ese Otro del lenguaje, quedando barrado, es decir, dividido por estructura, donde nunca estará completo y esa falta, hace que aparezca como deseante o, por el contrario, un sujeto que no soporta lo insoportable y le conlleva a destruir. De este modo, el paradigma cualitativo busca el entendimiento de las condiciones internas del sujeto. Strauss y Corbin (2002) citados por Sandín (2003) entienden por investigación cualitativa “cualquier tipo de investigación que produce resultados a los que no se ha llegado por procedimientos estadísticos u otro tipo de cuantificación”.

Por otro lado, es importante establecer que este tipo de investigación se guía por áreas o temas significativos de investigación (Sampieri, Fernández y Baptista, 2010, p.14). En este caso, el interés es conocer los elementos que componen el odio desde los discursos del otro dentro del lazo social y cómo se gesta a partir de diversos significantes. Asimismo, es importante recordar que el paradigma cualitativo trabaja con “Datos en forma de textos, imágenes, piezas audiovisuales, documentos y objetos personales” (Sampieri, Fernández y Baptista, 2010, p.14). En este caso específico, el método se realiza a través del lenguaje donde se analiza su discurso, para poder entender la intimidad de lo que representa el odio en el otro.

De acuerdo con el enfoque de investigación planteado, el proyecto se ejecuta siguiendo los parámetros del tipo de investigación descriptivo bajo un diseño no experimental. La investigación descriptiva busca especificar las propiedades, características y hechos de un fenómeno que se somete a análisis, que en este caso particular hace alusión a los discursos de un grupo focal frente al odio y sus significantes.

La población objeto de estudio está integrada por 10 personas adultas, quienes participan de manera voluntaria, teniendo en cuenta que el tema pretende entrar en lo íntimo de las consideraciones que tienen los seres humanos, que obedece al fuero interno. En este sentido, la participación es de cinco (5) hombres y cinco (5) mujeres, vinculados a la Corporación Germinemos de la ciudad de Ibagué.

Para establecer los elementos que configuran el odio en el orden psíquico, la vía es el discurso, la *lengua*, puesto que el lenguaje es representativo de la cultura y el sujeto está tejido por su trama. Es así como se privilegia la entrevista abierta semiestructurada en la que se planifica y diseña a partir de una serie de preguntas que dirigen el curso de la entrevista; además, permite la recolección de la información en el propio decir del participante. En este caso, la entrevista puede ser de manera conversacional, pero con un fin determinado (Canales, 2006).

EL LAZO SOCIAL EN LA CONSTITUCIÓN DEL ODIO

“...Me siento mal porque odié a mis padres, no sé por qué, ahora no,

Pero el odio no desapareció”

La labor cultural implica un gran esfuerzo en el ser humano, en la que se ve abocado el dominio por la tolerancia al desenfreno de sus deseos, los cuales no son propiamente buenos, ya que “ha de contarse con el hecho de que todos los hombres integran tendencias destructoras -antisociales y anticulturales- y que en gran número son bastantes poderosas para determinar su conducta en la sociedad humana” (Freud, 1927, p.8). Por tanto, debe renunciar a las satisfacciones que impliquen un riesgo para la convivencia. Esta condición psicológica de privación no es gustosa en tanto experimenta un malestar subjetivo, ilustrando el dominio que le convoca hacia sí mismo, pero fracasa en dicha labor. Las evidencias son notables en el lazo social, a través de las diversas manifestaciones, como la agresividad y la violencia.

La renuncia de satisfacción alude a la interdicción del incesto, elemento que plantea Freud como el *Complejo de Edipo*, en tanto, la privación de goce entre el mismo núcleo familiar implica sofocar la satisfacción sexual fuera de ella. Es así como la familia funda la sociedad en la medida en que conforme otro clan deberá distinto al propio. La renuncia trae consecuencias, la prohibición tendrá como saldo el odio (*pero no será el único*). Sin embargo, dicha prohibición funda el lazo social y tiene un efecto civilizador, aspecto paradójico respecto al odio como elemento en la construcción de la sociedad. De ahí, Lacan (1981) dice que ya de sobra somos una civilización del odio (p.403).

Lo anterior permite exponer en el grupo focal la existencia en algún pasaje de su vida: la experiencia del sentimiento de rechazo hacia otras personas corroborando el odio como uno de los afectos más arcaicos en el ser humano. De esta manera, surgieron interrogantes del grupo focal: ¿Por qué las leyes? ¿Por qué la necesidad de policías, el Estado, las cárceles, el ICBF (Instituto Colombiano de Bienestar Familiar)? Estos postulados indican que se contiene solo aquello que pueda ser un riesgo. La creación de instituciones y normativas funcionan como agentes del orden evidenciando la necesidad de controlar y civilizar al ser humano de aquello que le es constitutivo. La ilustración de la presencia de

estos ordenadores muestra que no desaparecen, por el contrario, surgen gradualmente más leyes e instituciones. Es así como el odio muestra su carácter constitutivo y no coyuntural; esto es, que no surge por un hecho aislado.

LO MÁS ÍNTIMO SE CONVIERTE EN LO MÁS EXTRAÑO

Otro elemento que se vilumbra en el proceso investigativo es la fuerza de dicho afecto con el más íntimo, que reafirma el dato estadístico como es el caso del feminicidio en la el INMLCF (2015) identificando como principal perpetrador al *íntimo* y la primera causa en la lista de la clasificación por motivación del feminicidio es la sexual. Se entiende como íntimo lo más cercano al propio yo y al mismo tiempo ajeno, porque eso que es parte de la identidad proviene del semejante, del otro. En los casos de violencia, resalta como principales victimarios a los más cercanos, lo cual genera una pregunta ¿por qué el más cercano hace daño y, más aún, cuando tiene un vínculo afectivo en el orden del amor? En esta perspectiva, el amor y el odio co-existen en un mismo objeto (persona) exponiendo la ambivalencia en el ser humano: lo amado puede devenir en lo más odiado o al contrario.

Es paradójico maltratar a quien se ama o a alguien con quien se está íntimamente vinculado, a pesar de que en la relación prevalecía la amabilidad, la ternura, la contemplación. Entonces deja de hacerlo o lo mira de una forma diferente y la otra persona se siente mal-tratada psicológicamente. Esto implica que no hay vínculo social sin mal-entendido, pero esta forma de maltrato es subjetiva, por eso es difícil verificarlo. Solo como efecto de discurso podemos dar cuenta de ello. El maltrato, el abuso, el crimen son nombres que toma socialmente el mal entendido estructural que existe entre los seres humanos de lenguaje.

Miller (2014) afirma “Todo aquel que pretende sustraerme el objeto de mi goce, el objeto que yo codicio, que yo quiero, adquiere para mí el estatuto de otro al que está justificado odiar, por pretender robarme eso con lo que yo gozo” (p.14). Tenemos al semejante, al amigo, la pareja que goza de una forma que es tolerable porque existe algo de similitud a la manera en que yo gozo. Cuando la expresión del gozo es distinta, se torna intolerable y surge la enesmitad, el rival o el enemigo.

Lacan (2009) trae una ilustración a propósito de la enemistad en el apólogo de San Martín: “*Vi con mis propios ojos y conocí bien a un pequeñuelo preso de los celos, no hablaba todavía y ya contemplaba todo pálido y con una mirada envenenada a su hermano de leche*” (p.102). El comportamiento de este infante que aún no pronuncia palabra está tornado por la ira, indicando la reacción emocional más primaria contra el semejante (su hermano). La frustración primordial por compartir el objeto de amor produce las emociones más arcaicas de este *ángel*, son pasiones que lo envenenan y no requiere estar en una familia o ambiente disfuncional. Vemos como la imagen especular del otro brinda las coordenadas psicológicas del odio original contra el semejante. Esta reacción emocional

es la que se actualiza con las personas, por motivos reales o imaginarios, para que surga el odio justificando el maltrato racionalmente.

De acuerdo a lo anterior, se deduce que el *yo* se constituye en relación con la imagen del otro por el estado de inmadurez en el que nace el ser humano, pero, al mismo tiempo, como lo expone el Fray Luis de León (1967) “quedamos sujetos a quien nos puede dañar, que no es otro: nuestro prójimo más cercano... y cierto es que no nos puede dañar aquello a quien no estamos sujetos”. Quien nos puede causar más daño es el más íntimo, que a su vez se convierte en lo más extraño.

LA AMBIVALENCIA AFECTIVA

La ambivalencia afectiva sitúa nuevamente a la familia en el mito de Tótem y Tabú propuesto por Freud (1913), en el que se produce un parricidio a partir del cual el padre se convierte en Tótem, en una ley a obedecer. El odio satisfecho por el asesinato del padre, retorna a posteriori en amor, en tanto, el padre muerto adquiere un valor de ley. Esta premisa sugiere comprender que se ama y se odia al padre. Es interesante este encuentro que proyecta en las relaciones de pareja y las relaciones familiares padres – hijos y explica algo del orden de la ambigüedad que se pone de relieve en las dinámicas relacionales: se ama y se odia al íntimo, al más cercano, a la pareja, a los padres. Estas son líneas para ubicar la ambivalencia afectiva como resorte psíquico en el maltrato intrafamiliar, el feminicidio.

En este sentido, cuando la hostilidad se dirige a quienes son al mismo tiempo seres queridos, estamos haciendo alusión a la reacción primaria del *yo* frente al exterior. Esto significa que, en la vida de pareja, familiar, como cualquier otra relación, el *otro* es la expresión de un límite a nuestras satisfacciones inmediatas y sus restricciones a nuestras apetencias, lo que genera en nosotros agresividad o cierta hostilidad. El límite representa la *diferencia*, enmarcado como otro elemento que va configurar el maltrato o la violencia al más cercano, al ser fundamental para el narcisismo que busca reafirmarse y vive lo distinto como una desaprobación a su valía que perturba, configurándose como amenaza en las relaciones interpersonales al servir de interferencia narcisista. En otras palabras, un opuesto de la manera propia se percibe como agresión, de ahí, depende de cómo el atravesamiento del Complejo de Edipo soportará la diferencia. En cuanto a ley, el otro representa una demarcación en nuestra manera de gozar y, ante su impotencia de no hacerlo, se tornará en el alimento de la agresividad como impulso a la potencia del golpe, la palabra, el sarcasmo, entre otras modalidades de maltrato y de violencia.

SE TOLERA MEJOR EL ODIO QUE LA CULPA

En el estudio del odio se ha señalado como afecto primario la consecuencia de la privación de los deseos pulsionales; sin embargo, se presenta una segunda reacción:

el sentimiento de culpa. Como lo señala Jones (1929) “Es curioso y parece paradójal, que se pueda aliviar la culpa exhibiendo precisamente aquello (el odio) que fue la causa generadora de la culpa misma” (p.8). Este hallazgo enmarca que la persona odiada, devela de manera inconsciente la culpa al deslizar la responsabilidad sobre ella respecto a los sentimientos que le ha causado. En esto encontramos una dificultad, ya que al estar oculta en la consciencia, el sujeto hace un intento de librarse de ella proyectando hacia el exterior el sentimiento de culpa bajo el disfraz del odio. Una forma de verificarlo es la poca tolerancia de las personas a la crítica o juicios de valor, en la medida que estos dilemas morales constituyen una amenaza para su personalidad.

Continuemos con Jones, quien hace una lectura brillante y esclarecedora en su artículo Temor, culpa y odio (1929) sobre el disfraz del odio:

Hemos visto cómo diversas manifestaciones del impulso del odio pueden encubrir tanto a la ansiedad como a la culpa, aunque hay motivos para suponer que, en todos esos casos, existe debajo de estas últimas otra capa aún más profunda de odio. Es sumamente probable que la más superficial de dichas capas derive de la más profunda, lo que permitiría considerarla, desde cierto punto de vista, como una irrupción de aquello que había sido reprimido (p.8)

Esta ilustración expone el odio como elemento manifiesto en el vínculo social, donde los actos y discursos dan cuenta de ello y, además, es el encubridor de la culpa a causa de la represión de las mociones pulsionales que tienen un fin destructivo a aquellos que son o le suponen ser fuente de displacer. El yo lo aborrece, de esta forma el otro sirve como objeto para satisfacer su agresividad. En este orden, Freud (1930) va a señalar que las *agresiones suspendidas* (no consumadas) mudan como sentimiento de culpa porque van a instalarse en el superyó. Este postulado implica que no es necesario el acto en el crimen del padre, con la intención es suficiente para el devenir de la culpa por la instancia de la ambivalencia afectiva. Por tanto, se puede señalar que *la intención es lo que vale*.

La culpa como instancia moral es poco racional, es un saber que no se sabe. Enunciados como “no sé por qué me caen mal algunas personas”, “lo que me hizo no es para que lo odie tanto”, “no sé qué me pasa, siento que odio con mucha facilidad y entonces le caigo mal a todo el mundo”. Según Jones, son formas de aliviar la culpa, pero, no es la única manera. En los fragmentos discursivos vemos una búsqueda de castigo inconsciente a través del mundo exterior. Consecuentemente, el castigo tendría la función de mitigar la autopunición, intolerable para el yo. En cuanto a esto Jones (1919) dice “el sujeto tolera mejor el odio y el temor que el sentimiento de culpa” (p.48). Queda expuesto que ante las prohibiciones (pulsionales) surge el sentimiento de culpa que se traduce en el vínculo social en odio. No obstante, surge el interrogante ¿a mayor prohibición mayor odio? Ante esto Freud (1930) refiere:

...que el impedimento de la satisfacción erótica provoque una inclinación agresiva hacia la otra persona que estorbó aquella, y que esta agresión misma

tenga que ser sofocada. En tal caso, es solo la agresión la que se trasmuda en sentimiento de culpa al ser sofocada y endosada al superyó (p.134).

El planteamiento de Freud esclarece que la insatisfacción pulsional tiene como consecuencia el sentimiento de culpa y sus manifestaciones pueden encontrarse bajo el odio o la autopunición, como las comunidades o personalidades religiosas. Estas eludicaciones traducen la culpa como defensa ante las privaciones, lo que conlleva al conflicto psicológico de la persona, principalmente cuando se encuentra bajo el vínculo del amor por el temor a ser castigado. Hay situaciones en las que los sujetos se hacen castigar y se mantienen en una posición sacrificial con sus parejas o la familia con el fin de arreglar ese conflicto interno proyectado al exterior. En consecuencia, el odio es una salida, pero no la única.

OTRAS PERSPECTIVAS SOBRE EL ODIO

En la indagación por el odio, la investigación conlleva a horizontes sociales que remiten al orden de lo subjetivo como la *venganza*, la cual es planteada por Gerez, M (2017) con el propósito de formular las dificultades por las cuales atraviesa todo sujeto, mostrando el desencanto de toda promesa de paz y armonía en la cultura al declarar que se vive al “filo de la venganza” (p. 28). De esta última, es importante resaltar que está en el plano imaginario, pero el odio hace el pasaje en lo real por medio del acto exponiendo su fuerza y eclipsando la ley. En lo anterior, encontramos este significativo como un elemento cinético que contribuye a la permanencia del odio que no se extingue por la ausencia del otro: “quisiera hacerle sentir lo malo que me hizo sentir, aunque hace mucho tiempo no lo veo...”, “en su momento quise acabarlo, hacerle algo, ya no, pero no me pasa esa persona...”, “cuando estoy en consulta digo lo que me gustaría hacerle, pero no lo haría. Prefiero decirlo y no hacerlo”.

En este orden, surgen dos premisas: La primera, que el odio no implica solo un lado negativo puesto que también sirve como defensa cuando se ve amenazado, lo cual es necesario, como lo diría Freud, en el que existe una tendencia normal a la defensa y esto sucede cuando sobrepasan sus recursos yoicos. Una señal es el displacer. De este modo, el odio tiene su lado necesario, lo negativo sería el exceso o su desencadenamiento como vía resolutive del conflicto. Gallo, H (2016) ilustra “En la impotencia de un hombre por no poder estar a la altura de una mujer en términos del deseo y la palabra ofensiva cargada de un monto afectivo puede ocasionar una agresión mortal” (p.77). El segundo aspecto es el valor de la palabra como acto: “prefiero decirlo y no hacerlo”. Esta es una construcción que permite el saber hacer con el odio por medio de la palabra que configura una vía civilizadora.

EL SABER INCONSCIENTE DE LAS PASIONES

Coligiendo este desarrollo sobre el odio, es posible afirmar que este ocupa un lugar central en la vida del ser humano del cual no sale victorioso al verse dominado por este afecto. Izcovich (2018) retoma la tesis de Descartes (1917. p. 17) sobre el “saber y las pasiones” en el que afirma “Los hombres no saben de las pasiones ni buscan liberarse de ellas. Para él, las pasiones del alma son las pasiones de los pensamientos que el alma no dirige... son pensamientos que vienen del cuerpo”. De modo que entiende en Descartes “las pasiones están en posición de mando, no escapan, y la manera de no sufrir sus efectos negativos es el saber. En la pasión, entonces, no se es amo” (p.35). En este punto dejamos a manera de hipótesis el *saber* como una posible salida a este afecto, entendiéndolo no desde el orden enciclopédico o *conócete a ti mismo*, sino desde el saber eso que se resiste a estar en la consciencia, lo reprimido, aquello que pareciera no tener un registro mnémico que emerge cuando menos se lo espera. Fragmentos del grupo focal lo reafirma de la siguiente manera: “no le quería decir eso a mi pareja, lo traté mal...”, “ese no era yo”, “yo no soy así”, “me equivoqué y no quería hacerlo”. Ese “no” es la manifestación de un deseo inconsciente (pulsional) bajo la forma de defensa de la negación: “No (soy yo)”.

Comprender la constitución del odio o explicación de aquello que lo causa no hace que cese dicho afecto, tampoco busca la exclusión de responsabilidad del sujeto bajo el apelativo de “*enfermo*”, pero si pretende prescindir del peso de los ideales de la paz y armonía absoluta. Al establecer las causas se orienta a la perspectiva epistemológica y práctica respecto de qué hacer con el odio en las formas de abordaje. Una de ellas radica en que sus manifestaciones obedecen al sentimiento de culpa como forma de atenuarlo. En este orden, el odio está más del lado de la consciencia, siendo a su vez un sentimiento primario; y la culpa está en la parte inconsciente (más profundo). Al quedar cubierto se torna intolerable para la consciencia en relación a las insatisfacciones pulsionales que fueron reprimidas, pero que buscan retornar. Estas deducciones orientan el trabajo clínico en relación a la agresividad como elemento constitutivo del ser humano y fundante del lazo social.

Los dispositivos institucionales amparados en los protocolos intentan, por medio de la separación espacial, brindar protección y, a su vez, son una acción de intervención (En el maltrato infantil, de pareja, el acoso escolar, entre otros). Estos dispositivos son necesarios ante el riesgo de la integridad, pero la atención desde la perspectiva de la asistencia, la evaluación, la regulación por un tercero y del modelo médico nominalista de los manuales diagnósticos no logran dar respuesta ni orientación por lo humano; por el contrario, la práctica técnica deja de lado la singularidad por la universalidad. Por lo tanto, es menester brindar un dispositivo que le permita tramitar ese *no saber*, los efectos psicológicos de sus experiencias, su identidad histórica; es dar un lugar de surgimiento en la emergencia del ser. Se trata de pasar al sujeto por la palabra de la mala consciencia al de responsabilidad,

logrando el desgarramiento para que esta no retorne contra sí mismo bajo la búsqueda de castigo, sino que le permita al sujeto fundarse nuevamente, para que reconstruya su verdad y apacigüe el sojuzgamiento.

REFERENCIAS

Descartes, R. (1997). Las pasiones del alma. Colección clásicos del pensamiento. p 17.

Esquirol, É. (2013). Sobre las pasiones (1805) fragmento. Revista *Affectio Societatis*, vol 10, núm 19. p 229.

Fray Luis de León, De los nombres de Cristo, Libro I, incluido en Obras completas castellanas de Fray Luis de León, T. Y., La Editorial Católica, Col. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1967; Cuarta edición corregida.

Freud, S. (1927). El poervenir de una ilusión. Obras completas. Vol 17 (Ensayos CLIII a CLXV) Ediciones ORBIS. S.A Buenos Aires.

Freud, S. XXI. El malestar en la Cultura (1930 - 1931). En Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu Editores. 1975.

Freud, S. XIII. Tótem y tabú. (1913 - 1914) En Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu Editores. 1976.

Gallo, H. (2016). Las pasiones en el psicoanálisis. Grama ediciones. p 77.

Gerez, M. (2017). Venganza y culpa. Dilemas y respuestas del psicoanálisis. Buenos aires: Letra viva.

Instituto de Medicina Legal y Ciencias Forenses. Cifras Estadísticas; Forensis. Fosis. (2018). Disponible en: <http://www.medicinalegal.gov.co/cifras-estadisticas/forensis>.

Jones, Ernest. Temor, culpa y odio. Revista de psicoanálisis. Asociación Psicoanalítica Argentina (Vol. V, Nº 3, Año 1947-1948). Artículo leído el 27 de julio de 1929 en el XI Congreso Internacional de Psicoanálisis, realizado en Oxford.

Izcovich, L. (2018). "El odio, una pasión diferente de las demás". *Desde el jardín de Freud* 19: 33-46, doi: 10.15446/dgf.n19.76693.

Lacan, J. (1981). El Seminario. Libro 1. Los escritos técnicos de Freud. Buenos Aires: Paidós. p. 403.

Lacan, J. (2009) La agresividad en psicoanálisis. Escritos I. Siglo XXI Editores, Méjico. tercera edición, nuevamente corregida, 2009 © siglo xxi editores, s.a. de c.v.

Laurent . E. (2004) Los objetos de la pasión. Editorial Tres Haches. Buenos Aires Argentina. I.S.B.N. 987-9318-19.

López. Y. (1998) La agresividad, entre la intención y la tendencia. Revista colombiana de psicología. Universidad Nacional de Colombia. N. 7. Pág 49.

Miller, J. (2015). Agresividad y pulsión de muerte, Fundación Freudiana de Medellín. pág 38.

Miller, J-A. (2014). El inconsciente y el cuerpo hablante. – <https://www.wapol.org/es/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=1>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acción didáctica 69, 70, 71

Alienación 1, 2, 3

Ambiente tecnológico 3, 40, 41, 43, 45, 51

Animal production 141

Apps 2, 4, 141, 142, 143, 144, 145

Apreciación de internet 40, 43, 45

Aprendizaje en línea 94, 95

Aproximaciones psicológicas 2, 3, 1

Apuntes metodológicos 3, 13

Atendimiento educacional especializado 6, 219, 220, 221, 224

Autonomía 17, 29, 75, 116, 117, 157, 162, 185, 213

B

Balance metodológico 13

Bienestar 3, 2, 5, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 86, 187, 189, 191, 193

C

Carlos Noriega Hope 3, 61, 62, 64, 66, 67

Ciencias 1, 2, 4, 11, 14, 16, 26, 41, 59, 69, 79, 115, 124, 157, 159, 160, 162, 165, 166, 168, 191

Ciencias humanas 1, 2

Cine 2, 3, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 159

Colaboración 1, 2, 17, 19, 41, 64, 116

Competencia 2, 3, 18, 19, 21, 25, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 71, 74, 77, 81, 92, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 142, 157, 181, 182, 192, 193, 214, 215

Competencias profesionales 56, 111, 113, 114

Competencias sociolaborales 29

Complejo de edipo 1, 5, 7

Conhecimento popular 126, 127

Conocimiento 3, 15, 23, 26, 27, 31, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 55, 56, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 91, 96, 109, 112, 116, 118, 120, 121, 157, 158, 164, 165, 178, 179, 185, 196, 198, 199, 208, 209, 212, 213, 216, 217, 218

Constitución del odio 2

Contexto 3, 13, 14, 31, 39, 42, 53, 55, 58, 70, 72, 73, 81, 84, 86, 87, 89, 90, 99, 102, 103,

111, 115, 116, 128, 130, 131, 139, 148, 149, 159, 181, 191, 192, 195, 196, 200, 202, 205, 220, 222, 223, 224

CONTEXTO 4, 81, 220

D

Desempeño profesional 4, 71, 111, 112, 113, 114, 123, 125, 200

Deserción 81, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 201

Docentes 2, 3, 4, 38, 41, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 108, 109, 111, 112, 113, 121, 123, 124, 143, 159, 160, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 193, 195, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 209, 210, 215, 217, 218

E

Educación 2, 3, 4, 20, 25, 26, 28, 32, 33, 40, 41, 42, 43, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 64, 69, 71, 72, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 121, 124, 146, 147, 157, 158, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 183, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218

Educación rural 81, 84, 85, 92

Emoción 65, 168, 170, 173, 174

Emprendimiento juvenil 3, 28, 29, 30, 31, 36, 37

Epidemiología 94, 95

Equidad 5, 95, 117, 168, 169, 171, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 213

Escuela normal 2, 4, 5, 40, 53, 57, 59, 75, 77, 79, 80, 94, 95, 111, 114, 115, 168, 195, 197, 198, 203, 208, 214, 218

Estrategias pedagógica 81

F

Factores psicosociales 2, 5, 187, 188, 189, 194

Formación de docentes 53, 71, 94, 95, 124, 195, 201, 218

Formación docente 40, 42, 54, 56, 98, 107, 124, 169, 174, 210, 218

Formación docente y tecnologías 40

Formadores de docentes 2, 3, 4, 53, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 123

Formadores de formadores 53, 55, 56, 57

G

Geografía 5, 20, 82, 171, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 197

H

Habilidades sociales 5, 187, 188, 191, 192

História do bairro 126, 132, 137

I

Identidad 5, 6, 10, 92, 93, 108, 114, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 206, 209, 211, 213, 215, 218

Inclusion 146, 147, 195, 196

Inconsciente 1, 3, 8, 10, 12

Industrias transnacionales 13, 14, 15

J

Jóvenes 2, 3, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 61, 64, 102, 147, 164, 178, 183, 188, 189, 191, 192, 202, 216, 217

M

México 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 51, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 73, 74, 78, 79, 80, 93, 94, 96, 109, 110, 113, 124, 140, 169, 171, 175, 185, 197, 198, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 217, 218

Modelo educativo 53, 69, 80, 81, 83, 86, 87, 95, 110, 171, 204, 217

Modernidad 62, 176, 177, 181, 184

N

Normalista 51, 53, 54, 55, 58, 75, 80, 98, 208, 209, 211, 216, 218

Norte de México 2, 3, 13

O

Odio 3, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Oralidade, educação 126

P

Pehuenches 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Pensamiento crítico 2, 4, 69, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 94, 95

People with disabilities 146, 147

Plan de estudios 55, 59, 80, 94, 95, 110, 111, 123, 199, 205, 217, 218

Poder 4, 9, 22, 30, 31, 37, 44, 46, 80, 86, 91, 103, 134, 139, 150, 157, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 174, 180, 185, 191, 192, 202, 221

Política 1, 2, 17, 18, 41, 62, 93, 129, 139, 147, 160, 164, 179, 185, 186, 202, 207, 218, 224
Política de diálogo 1, 2
Práctica docente 2, 5, 54, 56, 96, 97, 98, 102, 108, 109, 110, 120, 123, 195, 196, 197, 198,
199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 216
Prensa cultural 61
Problemáticas juveniles 3, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 39
Procesos formativos 53, 108, 204, 209

Q

Quality care 146, 147

R

Radio 2, 3, 61, 62, 64, 65, 66, 67

Relaciones sociales 179, 187, 191

Representaciones sociales 4, 69, 70, 71, 73, 74, 78, 80

S

Salas de recursos multifuncionais 219, 220, 222, 223

Seguimiento a egresados 2, 4, 111, 123

Sindicalismo en el norte de México 2, 3

Sindicatos en maquiladoras 13

T

Teaching 141, 195, 196, 219

Tecnologías 40, 41, 42, 43, 46, 47, 51, 52, 96, 121, 142, 204

Tejido social 187

Territorio ancestral 176

Training 94, 95, 146, 147, 195, 208

U

Uso académico de internet 40, 48

V

Voluntad 40, 44, 51, 64, 167, 168, 169, 170, 173, 174

Vulnerabilidad 108, 170, 195, 199

CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

🌐 www.arenaeditora.com.br

✉ contato@arenaeditora.com.br

📷 @arenaeditora

📘 www.facebook.com/arenaeditora.com.br



CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

